

Abel Barros Baptista.

2019. *Obnóxio (Cenas)*.

Posfácio de Luísa Costa Gomes.

Lisboa: Tinta-da-China.

Apesar das diferenças entre as várias secções que o compõem, *Obnóxio (Cenas)*, de Abel Barros Baptista, pode ser lido como um livro uno; a sua unidade é garantida pela ficção da história da sua edição, pela evidência da montagem dos elementos que o constituem enquanto partes de um todo, pela constância do tipo de humor dos textos e pela recorrência de tópicos, preocupações e cirúrgicos detalhes narrativos; o posfácio, assinado por Luísa Costa Gomes, prolonga e fecha essa construção discursiva dramática e irónica. Nestas cenas, predominantemente diálogos, o que acontece são conversas, mas estamos longe de qualquer imobilismo. Pelo contrário, o diálogo, dispensando qualquer moldura narrativa, permite trazer para cena o mundo vivo nas intervenções das personagens e esse confronto de palavras torna-se a acção principal. Mesmo nos textos não dialogados ouvimos o conferencista, a voz que nos interpela e que antecipa possíveis objeções: estamos sempre no domínio da representação da palavra dita, lançada a prever e a responder ao repto.

Os textos que aqui se reúnem são ensaios com argumentos fortes, mas o seu ímpeto argumentativo aparece-nos contido, quer pela estrutura dramática que tantas vezes encena o impasse, quer pela prevalência do humor, “força invisível de irrisão de todos os humanos (piores ou melhores) que atravessa todas as práticas sociais e é uma das determinações do humano” (95). Se o trágico for o ato irreparável (157), o humor enfrenta e questiona essas práticas, esse humano e a linguagem em que se dizem, dando como possível a sua reparação, ou, pelo menos, suspendendo a sua irreparabilidade. É pelo humor que se celebra o jogo dos possíveis, o puro prazer de contar de feição camiliana, manifesto também no gozo da interrupção, tornando promessas as histórias só começadas. A ironia manifesta-se na diversão metanarrativa e metadiscursiva, como se torna evidente no exame de subtilezas linguísticas (como o uso de adjetivos uniformes ou pausas que distinguem interrogações indiretas das diretas). Para além disso, a

ironia é aqui uma forma de educação literária, ao impossibilitar qualquer leitura linear, convidando o leitor a reconhecer que ler é estar em recreio (137).

Neste livro, a primeira ironia está no título, que usa o adjetivo como substantivo, num modo enigmático, mas assertivo, procedimento que depois se descreverá a propósito do machadiano “diplomático” (163); a segunda estará no subtítulo, *Cenas*, que tanto diz a diversidade dos assuntos tratados como a estrutura dramática dos textos que compõem o livro; a terceira está na proximidade de dois termos antagônicos quanto à estranheza lexical que podem suscitar no leitor. Todo o livro viverá desse escrutínio da linguagem, seja no apuramento de significados que se buscam e se apuram (que a procura de redefinição de “obnóxió” pode ilustrar), seja na denúncia dos lugares mais rarefeitos da língua – e que o uso de “cena” na epígrafe dá a ver e que será depois tematizado a propósito dos efeitos normalizadores da linguagem e das conseqüências empobrecedoras do clichê (46). Se um dicionário comprova a impossibilidade de fixar o sentido das palavras, mostrando, desse modo, “a possibilidade de usos além do uso que já fazemos delas e a possibilidade de novos usos por vezes tornarem ilegais os antigos” (146), *Obnóxió* ensaia precisamente essa possibilidade e o uso reiterado do termo enquanto título das quarenta e oito “Cenas Breves” tenta e celebra esse “prodígio de autoridade e liberdade” (147).

Estas páginas são também animadas pelo exame da coisa literária, sobretudo o das práticas sociais que visam regular a sua experiência: os problemas e os limites do ensinável são tópicos recorrentes, seja a propósito da carta da condução, em que a obtenção de um grau visa certificar competências e conhecimentos técnicos, “uma instrução prática sem tempo nem vocação para subtilezas” (22), seja a propósito do programa de contemplação de ruínas em paz, “atividade eminentemente teórica, consiste em considerar, examinar, escrutinar as ruínas . . . sem as envolver . . . numa guerra de teorias” (40). Aqui a escola pode ser o quartel das guerras teóricas, como as querelas sobre identidade, ou o lugar que hipercodifica a validação das competências, comprometendo a experiência da leitura. Mas a escola pode ser também o princípio de outra conversa e a lição que encerra o último “Obnóxió” é a da gratidão pela companhia na leitura, uma companhia que começa precisamente na escola.

Se se acaba com a conclusão de que sem o “eminente acadêmico brasileiro” Alcir Pécora “nada disto seria possível,” a possibilidade de conversar começa no reconhecimento da importância da instigação de um interlocutor que vem do meio escolar, na sua voz e no seu exemplo, e os gestos criativos que aqui se

encenam assumem essa dívida de fraternidade intelectual. A escola pode ser um lugar de semáforos, de aprendizagens inúteis, de regras dispensáveis à vida, aferível em respostas previsíveis que garantem diplomas, mas inibem a compreensão de subtilezas; contudo, é também nela, ou a partir dela, que, no recreio, se goza com os constrangimentos das salas de aula e se reconhecem os pares. Nos recreios, pode-se brincar com qualquer coisa e as regras do jogo são reinventadas sempre que necessário. É por esse género de brincadeiras recreativas, de espécie complicada, que este *Obróxio* nos conduz.

RITA PATRÍCIO ensina na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Interessa-se por literatura portuguesa moderna e contemporânea.